

## Análise linguística e formação docente: gramática e ensino no programa Residência Pedagógica de língua portuguesa

Linguistic analysis and teacher training: grammar and teaching in the pedagogical residency

**Laura Silveira Botelho**

Universidade Federal de São João del-Rei

**Christian Diovane Leite**

Universidade Federal de São João del-Rei

**Resumo:** O objetivo central desta pesquisa é investigar as experiências com ensino gramatical vividas pelos alunos participantes da Residência Pedagógica (RP) em uma instituição pública de ensino. A análise qualitativa interpretativista foi feita a partir de dados gerados de respostas elaboradas pelos residentes a um questionário aberto e da análise das atividades produzidas por eles na RP. Constatou-se uma baixa presença de abordagens gramaticais na perspectiva da Análise Linguística. Nesse sentido, os resultados da pesquisa apontam para uma possível necessidade de fomentação da formação do professor de Língua Portuguesa no que concerne à apropriação teórico-metodológica da Análise Linguística Dialógica.

**Palavras-chave:** Ensino gramatical; Análise linguística; Formação docente

**Abstract:** The main objective of this research is to understand the experiences with grammar teaching lived by the participants of the Pedagogical Residency program in a public educational institution. The interpretativist qualitative analysis was made from the generation of data from the residents' answers to an open-ended questionnaire and from the analysis of the activities produced by them in the RP. It was found a low presence of grammatical approaches from the perspective of Linguistic Analysis. In this sense, the results of the research point to a possible need of fostering the teaching education of LP teachers regarding the theoretical and methodological appropriation of Linguistic Analysis.

**Keywords:** Grammar teaching; Linguistic analysis; Teacher training

## Introdução

O presente trabalho analisa as práticas de análise linguística promovidas por alunos participantes do Programa Residência Pedagógica de uma instituição pública de ensino superior. Concebido em 2018 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, o Programa de Residência Pedagógica (RP) passou a compor as práticas de formação docente de estudantes de graduação nas diversas licenciaturas. As atividades desenvolveram-se no ano letivo de 2021, período em que se realizava o ensino remoto na Educação Básica de todo país, em decorrência da Pandemia do vírus COVID-19. Dentre as razões que fundamentam a relevância deste trabalho, destaca-se a necessidade de se compreender, ainda nos dias de hoje, os conflitos pedagógicos que se dão na disciplina de Língua Portuguesa no que concerne à presença da gramática como integrante do ensino. Para tal, os fundamentos teóricos utilizados são advindos da literatura produzida na área da Linguística Aplicada, sobretudo nas perspectivas da Linguística Textual e nas Teorias de Letramentos.

O conflito a que nos referimos está ligado à oposição entre tradição de ensino e teorias da linguística moderna, e ao caráter duplo que assumem os professores (em serviço e em formação) de Língua Portuguesa em face a essas duas perspectivas, conforme aponta Mendonça (2006). Segundo Bezerra e Reinaldo (2013, p. 16-17), identifica-se hoje uma lacuna na formação do professor de língua materna devido à variedade de perspectivas teóricas para a compreensão dos fatos linguísticos e à decorrente dificuldade de articulação entre elas, os fatos da língua e os estudos gramaticais tradicionais. Essa lacuna vem a dificultar que o futuro professor licenciado se aproprie adequadamente de habilidades de elaboração didático-pedagógica que estejam, de fato, alinhadas às perspectivas teóricas que lhe foram apresentadas durante a graduação. Essa configuração porosa da formação docente, de acordo com Mendonça (2006), se reflete em um conflito identitário do professor diante de sua prática, ocasionalmente frustrado entre a consciência das ineficiências da abordagem tradicional do ensino de língua materna (centrada no ensino prescritivista de gramática normativa) e a inabilidade para promover práticas baseadas nos pressupostos da linguística moderna para o ensino de língua, mais especificamente, práticas de **análise linguística<sup>1</sup> (AL)**. Mendonça (2006) afirma ainda que tal conflito identitário leva, muitas vezes, o professor recém-formado a reproduzir as práticas tradicionais, abandonando sua formação pedagógica da graduação, enquanto professores em serviço. Tocados pelo debate em torno de suas práticas de ensino, “desaprendem a ensinar”, por não conseguirem implementar uma prática pedagógica no tocante à gramática que seja diferente da tradicional.

Nesse sentido, é notória a relevância do eixo de ensino Análise Linguística para a compreensão e interpretação do processo de formação de professores de Língua Portuguesa. A fim contemplar essa relevância, propomo-nos discutir, neste trabalho, os conceitos de “análise linguística” e “ensino tradicional de gramática”. Também buscamos discutir quais são os conflitos que se dão entre essas duas perspectivas e se esses conflitos se refletem na prática pedagógica dos residentes pedagógicos.

O objetivo geral deste trabalho é, então, investigar as práticas de ensino gramatical desenvolvidas pelos residentes no contexto proporcionado pela RP. Quanto aos objetivos específicos, elencamos:

1 Ao longo do trabalho, iremos esclarecer o que entendemos por análise linguística, análise linguística dialógica e ensino gramatical.

a) analisar como o discurso promovido pelos residentes sobre o ensino gramatical se relaciona com suas práticas em sala de aula.; b) discutir sobre a importância de os residentes se apropriarem do arcabouço teórico-metodológico da Análise Linguística.

É fundamental esclarecer que a presente pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativista. Desenvolvemos uma análise documental do material produzido e utilizado pelos residentes em suas aulas e aplicamos um questionário com os residentes, cujo objetivo principal foi o de compreender suas experiências com o ensino gramatical na educação básica.

Assim, este artigo se estrutura da seguinte forma: inicialmente, nesta introdução, delimitamos nosso objeto de pesquisa, assim como nossos objetivos. Além disso, justificamos a relevância de se estudar as práticas de análise linguística no contexto de formação de professores. Em seguida, debatemos as teorias que ancoram nossos estudos, buscando conceituar análise linguística a partir de um viés da Linguística Aplicada (GERALDI, 1984, 1997; MENDONÇA, 2006; ROJO, 2009; BAGNO, 2012; BEZERRA; REINALDO, 2013; POLATO; MENEGASSI, 2019). Na seção seguinte, é apresentada a metodologia de pesquisa e as formas de geração de dados. Por fim, analisamos os dados da pesquisa, por meio de categorias de análise, e finalizamos a discussão com nossas considerações finais.

## Pressupostos teóricos

Nesta seção, serão abordados os pressupostos teóricos em que nos baseamos para a realização da pesquisa. Na subseção a seguir, intitulada “Análise linguística: o conceito e seus desdobramentos”, realizamos uma discussão em torno do conceito de análise linguística, perpassando por diferentes autores que dele trataram, desde a sua proposição pelo professor Geraldi (1984) até os anos mais recentes, com sua incorporação à BNCC (BRASIL, 2018) e a reinterpretção de seus aspectos dialógicos (POLATO; MENEGASSI, 2019).

### Análise Linguística: o conceito e seus desdobramentos

A disciplina de Língua Portuguesa (doravante, LP) na escola básica é, hoje, permeada por conflitos inerentes às posições político-pedagógicas assumidas pelo docente no que concerne ao ensino de língua materna e sua abordagem, especialmente em se tratando de conteúdos gramaticais. Fazem-se presentes na prática do professor de LP contemporâneo desde posições mais tradicionais a posições mais alinhadas com as tendências científicas da linguística, tornando o quadro teórico-metodológico empregado nas aulas de LP variado e, até mesmo, contraditório.

Do termo “análise linguística” duas apreensões gerais são possíveis, segundo Bezerra e Reinaldo (2013): a primeira diz respeito a atividades de descrição e explicação/interpretação de fatos linguísticos, baseadas em alguma tendência teórica, praticadas por pesquisadores linguistas em seu ofício; a segunda, por sua vez, também se refere a atividades da mesma natureza, porém seus fins são didático-pedagógicos. Ambas as apreensões, portanto, implicam um *status* **teórico-metodológico** para a prática de análise linguística: teórico, porque ela se ancora sempre em uma

perspectiva ou teoria a partir da qual se reflete sobre os fatos linguísticos; metodológico, porque constitui um procedimento ou recurso utilizável para fins didáticos ou de pesquisa, que pode ser descrito sistematicamente. A segunda apreensão do termo, que se detém aos ambientes de ensino-aprendizagem, é a de que se tratará neste trabalho, embora, conforme explicitamos, seja relevante pensar na sua similaridade com o fazer científico denotado pela primeira apreensão, o que faz salientar seu caráter investigativo mesmo enquanto prática pedagógica.

O termo “análise linguística” foi realmente cunhado na literatura acadêmica do Brasil sob essa acepção didático-pedagógica, segundo Mendonça (2006), no artigo “Unidades básicas do ensino de português”, parte da coletânea *O texto na sala de aula*, organizada por João Wanderley Geraldi. Nesse texto, Geraldi (1984) propõe as práticas de análise linguística, ao lado das demais práticas de leitura e produção de texto, como unidade básica do ensino de português e alternativa ao ensino tradicional de gramática. Tais práticas se dividiriam, por sua vez, em dois tipos de atividades linguísticas: as *atividades epilinguísticas*, que tomam os recursos expressivos de um determinado texto como objeto de análise e refletem sobre quais desempenhos são atingidos ou não por esses recursos, tendo em vista os aspectos da enunciação (interlocutores, contexto sociocultural, etc.); e as *atividades metalinguísticas*, que buscam conceber uma linguagem que sistematize os conhecimentos levantados a partir das atividades epilinguísticas por meio de conceitos, classificações, etc., possibilitando a plena apropriação e posterior circulação desses conhecimentos (BEZERRA; REINALDO, 2013). Ambas as atividades teriam por objetivo contemplar a construção dos *efeitos de sentido* nos mais variados textos e levar o aluno a se apropriar dos mecanismos por ela responsáveis. Nessa proposta, embora não desconsidere as atividades metalinguísticas, Geraldi (1984) dá ênfase às epilinguísticas, pois as considera uma forma de buscar, significativamente, conhecimentos sobre a linguagem que a exprimem de maneira historicamente constituída, aspecto este preterido pela gramática tradicional (a-histórica). Ao discutir o ensino de língua materna nas escolas em sua *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, o professor Marcos Bagno (2012) também dá destaque à reflexão epilinguística, concebendo-a como o ato de “tomar a língua como objeto de apreciação, depreciação, avaliação (positiva ou negativa), crítica, prazer estético, curiosidade, conhecimento do mundo etc” (BAGNO, 2012, p. 29). Diante de tal distinção com que esses e outros teóricos tratam as atividades epilinguísticas, alguns estudiosos viram a necessidade de salvaguardar as práticas metalinguísticas, apontando-lhes a importância para a realização autêntica de uma aprendizagem linguística (no que concerne ao conhecimento **sobre** a língua). Entre eles, mencionamos a professora Irandé Antunes (2014), que destaca a função de expandir os saberes linguísticos e desenvolver um repertório cultural, a partir do qual, o aluno, à medida que for adquirindo habilidades significativas de leitura e escrita, poderá ser iniciado na investigação científica (metalinguística, por excelência). Tal prática intenta capacitá-lo para uma posição ativa e crítica, na qual ele também produz conhecimento.

Com a publicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 2018, a análise linguística é acrescida da perspectiva semiótica da linguagem, dada a recrudescente incorporação de outras formas de linguagem para além da estritamente linguística nos textos em circulação na sociedade contemporânea. O ensino linguístico na escola requer o desenvolvimento de habilidades de

leitura e produção de textos multimodais/ multissemióticos, conforme aponta Rojo (2009), ao propor que a responsabilidade da educação linguística se amplie para o campo da imagem, da música, entre outras semioses.

A fim de contemplar essa caracterização da AL que se aprimora em diversos sentidos, gostaríamos de expor a respeito de três tendências observadas por Bezerra e Reinaldo (2013) no tocante às práticas de AL propostas em livros didáticos publicados no período de 2000 a 2010.

A primeira tendência, denominada pelas autoras como **conservadora**, tem por foco a apreensão de conhecimentos propostos pela gramática tradicional em seus aspectos descritivos e prescritivos, utilizando-se de textos como pretexto para a assimilação desses conhecimentos. Trata-se, a nosso ver, de práticas de “gramática contextualizada” sob a acepção vulgar do termo (“gramática com texto”, ou seja, ensino tradicional de gramática com um texto decorativo), tal qual aponta Irandé Antunes (2014).

A segunda tendência é a **conciliadora**, cuja característica essencial é a utilização de conceitos e práticas oriundos tanto da gramática tradicional quanto das ciências linguísticas para o estudo efetivo dos textos, considerando seus múltiplos aspectos por meio de atividades epilinguísticas e metalinguísticas.

A terceira tendência, chamada pelas autoras de **inovadora**, consiste na adoção de denominações inspiradas na linguística para um estudo efetivo, via práticas epilinguísticas predominantemente, dos fenômenos linguísticos constituintes de um texto, sob uma forma pouco ou nada sistemática de atividades investigativas. Assume-se, via de regra, a perspectiva dos gêneros discursivos de inspiração bakhtiniana. É característico dessa abordagem certo afastamento de atividades metalinguísticas, e o enfoque sobre a dimensão textual-discursiva dos textos, objetivando sobretudo o desenvolvimento da competência leitora dos alunos.

Contudo, no contexto da aula de português, não basta simplesmente substituir o ensino tradicional de gramática pelas práticas de AL. É fundamental pensar na relação que essas devem estabelecer com os demais eixos de ensino de Língua Portuguesa, na escola. Mendonça (2006) descreve essa articulação entre a AL e as demais práticas de ensino de língua materna, caracterizando-a como **ferramenta** para a potencialização das habilidades de leitura e produção textual.

Para além da articulação entre os eixos, acreditamos pertinente, nos tempos atuais, em que se impõe a ressignificação da escola e de seu papel, pensar a análise linguística e as demais práticas de ensino de linguagem na sua relação com as vivências concretas dos alunos, suas condições sociais e as situações de interação social reais de que participam, ou almejam participar, ou, ainda, podem efetivamente vir a participar na contemporaneidade. Nesse sentido, é enfática a colocação de Botelho (2017), ao pensar as relações entre as práticas de linguagem vivenciadas pelos alunos dentro e fora da escola. Segundo a autora, as atividades de linguagem devem estar articuladas às práticas sociais dos alunos, mas o que muitas vezes acontece em “abordagens tradicionais é um enfoque *sobre* a língua (geralmente por meio da metalinguagem) e não uma ênfase dos *usos* sociais, historicamente situados” (BOTELHO, 2017, p. 36). Nesse sentido, as práticas de análise linguística devem compor um ensino verdadeiramente pertinente para a vida social, cultural e política dos estudantes, fazendo-se ferramenta potencializadora desse ensino.

Outro desdobramento decorrente dos estudos em torno da AL desenvolvido pela comunidade acadêmica, diz respeito a uma abordagem de ênfase dialógica no ensino de análise linguística. Segundo Polato e Menegassi (2019), o conceito de análise linguística fundou-se sobre uma base epistemológica caracterizada por duas perspectivas, uma cognitivista, pois pauta o desenvolvimento de habilidades e capacidades sob uma ótica individual. Outra dialógica, pois articula esse desenvolvimento a uma perspectiva sociointeracionista da língua, ou seja, evidenciando que a língua se constitui na interação entre sujeitos sócio-historicamente constituídos. Entretanto, os autores argumentam que durante a primeira década de 2000, as proposições em torno da AL focalizaram seu aspecto cognitivista, deixando em segundo plano o caráter social e histórico constituinte dos sujeitos e da língua. Nesse sentido, a Análise Linguística Dialógica (ALD), conforme discorrem os autores, seria uma proposta de resgate nas práticas de análise linguística de seu potencial de investigação social, política e ideológica decorrente do caráter dialógico da linguagem. Segundo os pesquisadores supracitados,

A ALD se interessa (...), primordialmente, pela forma como os temas sociais são exauridos ou tratados em enunciados específicos e pelo posicionamento social manifestado, porque isso diz da presença de consciências possíveis em diálogo na sociedade, que se apresentam concretas a partir de axiologias mobilizadas no enunciado (POLATO; MENEGASSI, 2019, p. 9).

Baseada nas teorias discursivas advindas do círculo de Bakhtin, a ALD delega à análise linguística ocupar-se, para além da construção dos efeitos de sentido nos textos, do embate discursivo-ideológico envolvido nos enunciados cujo conteúdo possui relevância política e social. Assim, a ALD envolve partir de reflexões sobre objetos como a composição valorada de vozes do discurso, a entoação (modulação consciente da expressão de um interlocutor para referir-se a uma temática social), os juízos de valor presentes em um determinado texto, as apreciações possíveis em dada situação sócio-histórica, cultural e ideológica. Para tal, a análise linguística deve ter como pressuposto que o emprego de categorias linguísticas e gramaticais denota um *plano estilístico*, e esse estilo se constitui a partir das compreensões sociais no discurso interior de cada falante. Em outras palavras, o estilo é uma resposta única do sujeito, dotada de valores sociais apreendidos por esse, que se manifesta em direção aos meios sociais nos quais ele interage via linguagem.

Valendo-se de tais ideias propostas pela abordagem da ALD, a prática de análise linguística, enquanto instrumento de investigação da linguagem, reinventa-se, outra vez, em um instrumento para um ensino emancipatório. Sob tal acepção, a AL faz-se forma de capacitar os alunos para o exercício de escolhas éticas e conscientes entre discursos, levando em conta os interesses dos variados grupos sociais que compõem a sociedade.

Com base em tais considerações acerca das práticas pedagógicas de análise linguística, pretendemos, nesta pesquisa, analisar como os residentes pedagógicos de Língua Portuguesa realizaram o ensino gramatical, tendo em vista os paradigmas supracitados. A seguir, apresentaremos o enquadre teórico-metodológico que ancora a pesquisa.

## Abordagem metodológica da pesquisa

Nesta seção, serão apresentadas concepções metodológicas sobre as quais se estruturou a presente pesquisa e as razões que levaram à escolha dessas. Também serão apresentados os instrumentos de geração de dados empregados na pesquisa e a justificativa de seu uso.

Para a realização deste trabalho, foram empregados procedimentos de pesquisa cuja base epistemológica é, essencialmente, qualitativa e interpretativista. Segundo Celani (2005), o paradigma qualitativo na ciência emerge em oposição à objetividade de proficuidade relativa da perspectiva positivista em se tratando de humanidades. Trata-se de uma perspectiva dialógica que busca contemplar as complexidades também dialógicas e plenas de contradições das realidades em que se inserem os sujeitos.

A respeito dos instrumentos de geração de dados para a pesquisa, optou-se por utilizar dois instrumentos em colaboração mútua: um questionário aplicado aos residentes via formulário do *Google Form* (com questões abertas e fechadas) e uma análise documental de materiais didáticos produzidos por eles para suas aulas.

Questionário estruturado e análise documental são, portanto, instrumentos complementares nesta pesquisa. O primeiro tem por objetivo contemplar os sentimentos e pensamentos que perpassam as relações dos residentes participantes de pesquisa com os estudos gramaticais. O segundo, por sua vez, objetiva examinar criteriosamente o que eles têm promovido em suas aulas no que concerne a tais estudos. Desse modo, buscamos compreender como lidam, no discurso e na prática docente, os professores em formação residentes pedagógicos com o ensino gramatical que lhes cabe.

A presente pesquisa contou com quinze participantes residentes pedagógicos, sendo que, entre esses, todos aceitaram responder ao questionário e treze também aceitaram enviar um material didático-pedagógico, de autoria própria, utilizado durante as aulas na RP. Os materiais recebidos foram, em sua maioria, slides utilizados durante as aulas remotas e planejamentos de aula.

É importante destacar que a elaboração do questionário não foi tarefa fácil, pois além das preocupações éticas em relação aos participantes, vivemos o impasse quanto ao uso ou não do conceito de Análise Linguística, tendo em vista que consideramos que os residentes poderiam não estar inteirados dessa nomenclatura. Para não sugerir respostas, também evitamos falar em “gramática tradicional”, “gramática normativa” ou “ensino tradicional”, pois tais terminologias estão imbuídas de visões negativas e preconceitos, mediante as críticas realizadas na literatura acadêmica recente.

Por isso, optamos por usar os termos “ensino gramatical” e “gramática” tão somente, na expectativa de que as mais diferentes abordagens pudessem ser apontadas pelos participantes de pesquisa, o que, de fato, ocorreu.

Os instrumentos de pesquisa utilizados, questionário e análise documental, fizeram-se, conforme planejado, intercomplementares, e possibilitaram uma visão ampla sobre como são realizadas as práticas de ensino gramatical no contexto da Residência Pedagógica. Os dados obtidos com tais instrumentos foram sistematicamente observados e organizados, e a partir da realização de uma análise qualitativa e interpretativista, que articulou as constatações realizadas tanto sobre as respostas ao questionário, quanto sobre os materiais obtidos, receberam uma categorização *a posteriori*.

Isto é, as categorias de análise foram geradas a partir da observação, reflexão e sistematização de similaridades perceptíveis nas práticas e respostas dos participantes de pesquisa. Tais categorias obtidas, sobre as quais discorreremos a seguir, foram: 1) “Ausência de abordagem gramatical”, 2) “Consciência de abordagem gramatical” e 3) “Prática de abordagem gramatical”.

## **Análise de dados**

Apresentamos, a seguir, a análise das respostas ao questionário utilizado na geração dos dados de pesquisa e, concomitantemente, a análise dos materiais didático-pedagógicos enviados pelos participantes de pesquisa para análise documental, intentando responder à questão de investigação e objetivos de pesquisa a que nos propusemos.

### **Categoria 1: Ausência de abordagem gramatical**

Identificamos a ausência de abordagem gramatical em algumas respostas e atividades dos residentes em suas aulas, embora tal fato não signifique ausência completa de atividades de gramática nas aulas de Língua Portuguesa. Conforme pode ser observado no excerto abaixo, os residentes consideraram desnecessário fazer uma abordagem gramatical, pois a professora preceptora já trabalhava a gramática com os estudantes:

Figura 1 – Resposta ao questionário 1 participante 4

Na verdade não focamos no ensino gramatical em nossas aulas, combinados com a professora, voltamos o nosso foco para questões textuais, como de gêneros e conhecimento gerais para construção de textos. Como a professora já focava bastante sobre o ensino de gramática (como presenciamos em algumas aulas), não havia motivo para trabalharmos também. As aulas que assistimos sobre gramática durante a residência me lembraram bastante as que vivenciei durante o colégio. Com conteúdo e aplicação de exercícios, tirinhas como da mafalda etc., para apresentar algumas frases que seriam passíveis de análise etc.

Fonte: Os autores

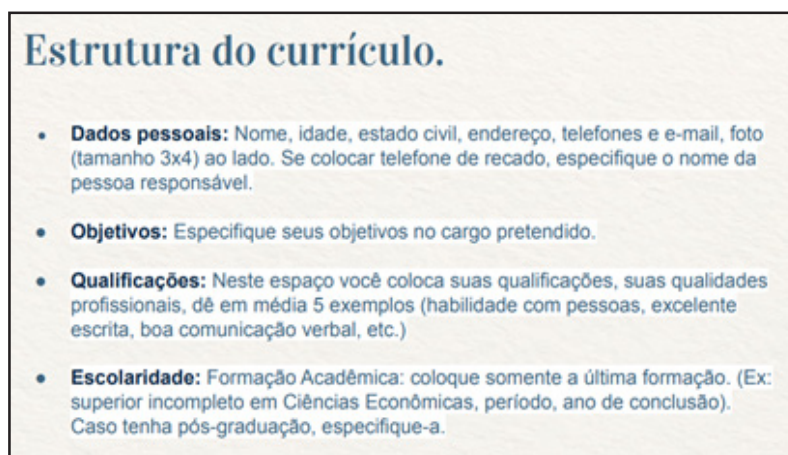
No excerto destacado, podemos constatar que o participante afirma não ter podido focalizar o ensino gramatical por ter optado por trabalhar questões textuais, o que, nas suas palavras, são questões de “gêneros e conhecimentos gerais para construção de textos”. O participante ainda relata que a professora preceptora “já focava bastante sobre o ensino de gramática”, e descreve a prática dessa professora como “com conteúdo e aplicação de exercícios”, além de “tirinhas [...] para apresentar algumas frases [...] passíveis de análise”.

Depreende-se de tal resposta que existe uma certa desarticulação entre a perspectiva de gêneros textuais e ensino gramatical, tendo em vista que o participante menciona que este não pôde ser pautado em razão daquele. O ensino gramatical foi compreendido sob o viés tradicional, já exercido pela professora preceptora, o que teria desmotivado a abordagem gramatical por parte do residente. A compreensão de ensino gramatical limitada ao ensino tradicional perpassa cerca de 46% das respostas ao questionário.



O que é descrito pelo participante como “trabalho com questões textuais, como de gênero (...)”, foi observado em alguns dos materiais analisados, como exemplifica o excerto a seguir que se refere à produção do gênero currículo:

Figura 2 – Material para aula sobre currículos – participante 3

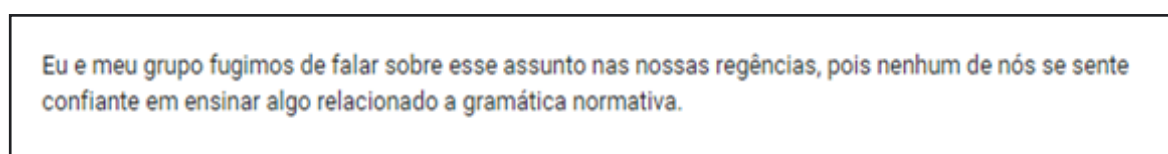


Fonte: Os autores

O que se nota, a partir da análise das atividades, é que existe uma grande e muito necessária preocupação com o aspecto estrutural dos textos. Entretanto, os aspectos linguísticos e lexicogramaticais que constituem os textos não são defrontados com os alunos, em decorrência, aparentemente, da compreensão de que o ensino gramatical só diz respeito a uma metodologia tradicional, desvinculada de textos, a qual já é exercida pela professora preceptora.

Ocorreu ainda uma outra resposta ao questionário que consideramos muito pertinente para compreender a ausência de ensino gramatical nos materiais apresentados, exposta a seguir:

Figura 3 – Resposta ao questionário 2 – participante 3



Fonte: Os autores

Nessa resposta, o participante revela não se sentir confiante para ensinar “algo relacionado a gramática normativa”, o que o levou a “fugir” da abordagem gramatical durante suas regências. Novamente, o ensino gramatical é visto somente atrelado à abordagem da gramática normativa, o que “afugenta” ou desmotiva o trabalho dos residentes nesse eixo da disciplina de LP.

Os dois casos apresentados apontam como justificativa para a ausência do ensino gramatical a proposição de que tal ensino diz respeito à abordagem tradicional, a qual recebe fortes críticas no meio acadêmico. A situação de abandono do ensino gramatical está intimamente atrelada, a nosso ver, ao que Mendonça (2006) descreve como “desaprender a ensinar”. Trata-

se de uma situação em que o educador descarta os métodos que conhece, tendo em vista as críticas recebidas, porém não recebe orientações relativas a práticas alternativas.

A vinculação de ensino gramatical tão somente à abordagem tradicional é corroborada ainda pelo resultado obtido com a questão fechada de número 7, que perguntava sobre os atributos individuais com os quais o ensino gramatical pode contribuir. O atributo mais destacado foi justamente a memória, que obteve o percentual 73,3% das opiniões dos participantes. A memorização de categorias é um dos principais objetivos do ensino tradicional de gramática, cobrada sob a forma de classificação e exercícios repetitivos, o que Luft (1985) chamou de “ensino gramaticalista”.

Foram também encontradas algumas práticas em que se evidencia uma tendência de retomada do ensino tradicional de gramática, conforme verificável em um dos slides elaborados por um residente, a seguir:

Figura 4 – Material para aula de parágrafo argumentativo – participante 4

<i>EXEMPLIFICAÇÃO</i>	Por exemplo, exemplificando, isto é, tal como, em outras palavras, em particular.
<i>CONTRASTE/OPOSIÇÃO</i>	Mas, entretanto, porém, contudo, no entanto, pelo contrário, por outro lado, ao invés de, todavia.
<i>COMPARAÇÃO</i>	Da mesma maneira, da mesma forma, como, similarmente, correspondentemente.
<i>ADIÇÃO DE IDÉIAS</i>	E, também, em adição a, além de, além do mais, além disso, ou.
<i>ENUMERAÇÃO</i>	Primeiro e primeiramente, segundo e secundamente; a), b), c); 1), 2), 3), etc.; um, dois, três; para começar, em seguida; primeiro de tudo, depois; antes de tudo.
<i>CAUSA &amp; CONSEQUÊNCIA</i>	Então, assim, conseqüentemente, de acordo com, como resultado, por esta razão.
<i>CONCESSÃO</i>	Embora, apesar de que, ainda que, por mais que, se bem que

Fonte: Os autores

A abordagem de conectores a partir de listas de classificações, em que não se pode verificar seus efeitos de sentido dentro de um texto e de seus respectivos contextos (isto é, a interação com o extralinguístico) e cotexto (isto é, a interação entre formas linguísticas de um texto), aponta para uma retomada de padrões tradicionais de ensino.

## **Categoria 2: Consciência de abordagem gramatical**

Nesta categoria, discutimos casos em que, apesar da ausência de uma abordagem gramatical nos materiais apresentados, algumas respostas ao questionário pautaram a importância de se abordar os aspectos linguísticos e gramaticais durante as práticas de ensino de LP. Vejamos um exemplo:

Figura 5 – Resposta ao questionário 3 – participante 7

Você acredita que seja possível promover o ensino de língua portuguesa sem a presença da gramática em sala de aula? Justifique sua resposta. \*

Acho que a gramática é peça fundamental da nossa língua materna e deve ser estudada, a grande questão é como passar de maneira satisfatória para o alunado a gramática para que eles sintam que aprenderam e entenderam, e não só decoraram normas.

Fonte: Os autores

O participante aponta para a necessidade de se abordar os aspectos gramaticais da língua na disciplina de LP, demonstrando compreender “gramática”, não como um compêndio de regras prescritas por gramáticos, mas como uma “peça fundamental da língua”, ou seja, um constituinte da língua que se manifesta nos fatos linguísticos. Entretanto, a forma de como se abordar o fenômeno gramatical é colocada como uma dificuldade ainda insuperada, o que possivelmente se trata de um impasse metodológico que dificulta o exercício do ensino gramatical. Consideramos esse posicionamento importante, pois há relação com a formação inicial docente no que concerne ao ensino de Língua Portuguesa na escola. Observamos, então, que as práticas de ensino gramatical em alguns casos estão ausentes nos materiais, conforme pode se observar na abordagem do texto a seguir, proposta por um residente que pautou a importância do ensino gramatical:

Figura 6 – Material para aula sobre autobiografia – participante 7

**Autopsicografia**

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.  
E os que leem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.  
E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.

Fonte: Os autores

O texto foi utilizado em uma aula sobre escrita autobiográfica, a fim de incitar uma discussão sobre os conceitos de ficção e autoficção. Tal discussão foi muito importante para o trabalho proposto pelo residente, que teria por culminância produções textuais em que os alunos tomariam a si mesmos como personagens, em textos literários reunidos em uma página na internet. Entretanto, a aula restringiu-se ao debate dos conceitos de ficção e autoficção.

No nosso entender, a abordagem dos fenômenos lexicogramaticais do texto de Fernando Pessoa poderia ter sido realizada também, a fim de proporcionar aos alunos o conhecimento de como a linguagem poética em um texto literário está atrelada ao fenômeno da ficção, o que configuraria também uma aula de compreensão e interpretação de texto literário. O processo

de referenciação dos pronomes pessoais “ele” e “eles” poderia ter sido abordado, juntamente da reflexão interpretativa de quem são os sujeitos escritor e leitores, referenciados pelos pronomes respectivamente, no contexto do texto literário. A observação do sentido de proporcionalidade expresso pela forma conjuntiva “tão... que”, juntamente com a repetição da forma “que” com função de pronome relativo, pode ser interessante para a compreensão da estética do poema. Além disso, pode proporcionar a discussão de **qual o grau** de fingimento conotado pelo uso da forma conjuntiva de proporcionalidade em “finge tão completamente que” articulado com o uso do advérbio “deveras” em “chega a fingir que é dor a dor que deveras sente”. Também seria interessante abordar como o efeito de aparente contradição contribui para o sentido global do poema e do que ele tem a dizer sobre as relações entre “realidade” e “ficção”.

Nesse sentido, essa categoria dialoga com a concepção de AL como “ferramenta”, como destaca Mendonça (2006), para o aprimoramento das habilidades discursivas dos alunos para falar, ouvir, escrever e ler. O uso dessa ferramenta seria uma estratégia possível de ser desenvolvida com os alunos, tendo em vista que possibilitaria explorar linguisticamente, e não só para fins de discussão temática, os textos abordados em sala de aula.

### **Categoria 3: Prática de abordagem gramatical**

Durante a análise de dados, três tipos distintos de abordagem gramatical foram percebidos. O primeiro diz respeito a práticas epilinguísticas realizadas individualmente com cada aluno sobre suas produções textuais para fins de adequação e reescrita. O excerto de um planejamento de aula, a seguir, exemplifica essa prática assumida por, aproximadamente, 30,8% dos participantes:

Figura 7 – Material de preparação de aula 1 – participante 13

Uma residente estará em uma sala individual e chamará os alunos participantes, de um em um, para que faça com eles o passo-a-passo da correção, dando feedbacks e ideias de como podem melhorar a produção.

Neste mesmo momento, as outras residentes e alunos que ainda não estiverem recebendo o feedback, estarão fazendo games e atividades referentes ao assunto.

Depois que todos os alunos tiverem recebido o feedback, haverá uma discussão sobre o que os alunos aprenderam e quais foram suas conclusões sobre as atividades.

As residentes irão orientar os alunos a refazerem as correções conforme solicitado no feedback e enviarem novamente às residentes através do whatsapp.

Fonte: Os autores

No excerto do plano de aula, o participante descreve como ocorreu a organização para atendimento individual dos alunos e explica que, após dado o “feedback” sobre a produção do aluno, uma reescrita lhe é solicitada. Nesse “feedback” é que ocorrem as atividades epilinguísticas visando à adequação dos textos.

Destacamos que essa prática epilinguística aproxima-se muito da primeira proposta de análise linguística de Geraldi (1984), tendo em vista que a prática de AL somente se verifica sobre

as produções dos alunos e não se articula com as atividades de leitura e escuta ativa. Essa prática é corroborada pelos dados gerados no questionário, em cuja pergunta sobre a contribuição do ensino gramatical com habilidades linguísticas, os participantes apontaram, em sua maioria, para a habilidade de escrita (86,7%).

É importante ainda destacar que tais práticas se revelaram vinculadas a uma sequência didática cuja finalização se dá com a circulação social da produção dos alunos, em redes sociais como o Instagram, o LinkedIn e ainda na plataforma Padlet, conforme descrito no seguinte excerto:

Figura 7.1 – Material para preparação de aula 2 – participante 13

O objetivo desta produção inicial é conhecer e mapear as ambições profissionais da turma, de modo que as aulas seguintes possam ser realizadas tendo em mente a realidade da turma, com assuntos que realmente irão cumprir com seus interesses.

Fonte: Os autores

É pertinente verificar, portanto, que a circulação social da produção dos alunos motiva atividades epilinguísticas de revisão e reescrita. Nesse sentido, fazem-se pertinentes as colocações de Botelho (2017) acerca da circulação social da produção dos estudantes. Tal circulação, além de ressignificar as práticas linguísticas dentro da escola, recobre de significância a noção de “adequado” sobre a produção textual dos alunos, e promove sua participação social nas realidades em que se inserem.

Outro tipo de abordagem gramatical foi encontrado no interior de 46,2% dos materiais enviados, em trechos de slides conforme exemplificado adiante:

Figura 8 – Materiais para aulas sobre notícia – participantes 2 e 9

Uso de terceira pessoa e dos verbos no modo indicativo, ausência de enunciados de opinião e não uso de adjetivos que possam dar impressão de subjetividade.

#### Elementos frequentes

- **Frases curtas:** Objetividade do texto;
- **As locuções verbais devem ser evitadas;**  
Ex.: **Está havendo** uma revolução silenciosa.
- **Uso da ordem direta da língua:** Sujeito + verbo + predicado;

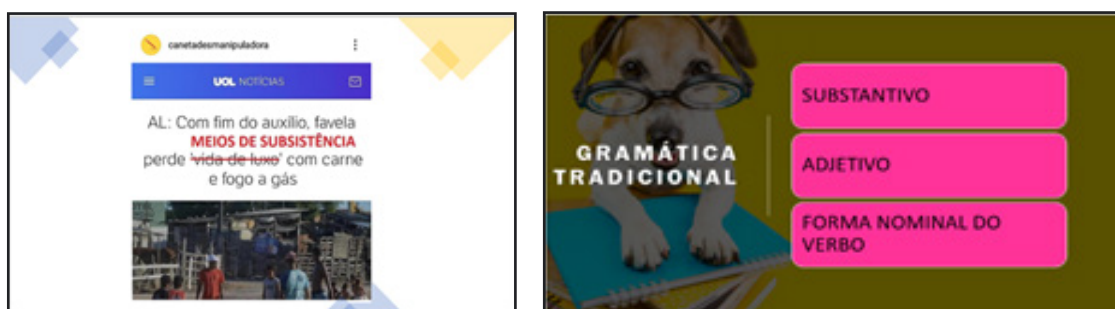
Fonte: Os autores

Ambos os excertos retirados de slides diferentes dizem respeito ao estudo do gênero notícia. Nomenclaturas gramaticais, como “locuções verbais”, “sujeito+verbo+predicado”, “terceira pessoa” e “verbos no modo indicativo” são utilizadas no interior das sequências a fim de evidenciar características linguísticas presentes nos textos. Nesse sentido, alguns aspectos gramaticais vinculados ao gênero são informados ao aluno, e os textos que acompanham tais slides servem para “exemplificar” a metalinguagem descrita. A partir dessa observação, consideramos que essa

descrição da linguagem é como um complemento à abordagem estrutural do gênero. Frisamos que tal descrição não parte da observação e análise do texto, mas é previamente estabelecida pelo professor e dada como modelo ao aluno.

Em 7,7% dos materiais, entretanto, uma terceira abordagem gramatical foi observada. Trata-se de uma sequência didática, no interior da qual se estudou processos de nominalização, a fim de que a turma pudesse escolher um nome de equipe para sua participação em uma gincana virtual. Vejamos dois dos slides utilizados para esse estudo.

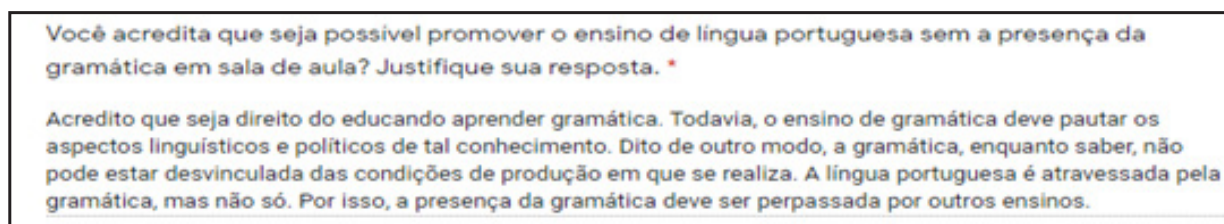
Figura 9 – Materiais para aula sobre nomes – participante 12



Fonte: Os autores

É possível observar que se manifestam nos slides ao menos duas diferentes preocupações didático-pedagógicas quanto à observação do processo de nominalização: a) a explanação de formas nominais, segundo a gramática tradicional, e b) a análise de como o ato de nomear é uma opção que expressa uma visão de mundo sobre o objeto ou fato nomeado. Nesse sentido, a atividade destacada articula conhecimento gramatical, análise textual e análise discursiva em uma prática epilinguística realizada coletivamente com os alunos. Eis, portanto, um exemplo de prática de análise linguística dialógica (ALD), nos termos de Polato e Menegassi (2019), uma vez que a observação e análise dos fenômenos lexicogramaticais pautam um nível estilístico ao destacar as escolhas lexicais dentro de um texto. Além do mais, tais escolhas estão vinculadas a uma posição sociopolítica e axiológica do sujeito enunciador. Uma resposta ao questionário corrobora essa perspectiva dialógica assumida na atividade observada:

Figura 10 – Resposta ao questionário 4 – participante 12



Fonte: Os autores

Na perspectiva de Bezerra e Reinaldo (2013), a atividade se faz uma prática de análise linguística de tendência conciliadora, pois, conforme visto, se vale da nomenclatura tradicional para a observação dos fenômenos linguísticos de um determinado texto.

### **Constatações e interpretações**

Das três abordagens encontradas, a mais utilizada, conforme apontado por seu percentual de 46,2% de presença nos materiais coletados, é a segunda, na qual a nomenclatura gramatical, selecionada previamente pelo residente, é utilizada, de maneira genérica, para caracterizar a linguagem do gênero estudado, e o texto exemplifica o uso dessa linguagem, sem haver investigação desse texto. Tal abordagem, conforme explicitado anteriormente, é uma forma de complemento do tratamento estrutural do texto. Tal qual percebido por meio do questionário, 46% das respostas apresentadas vincularam ensino gramatical diretamente à abordagem tradicional, a que demonstram forte aversão, e 27%, apesar de não realizarem esse vínculo direto, não chegam a apresentar qualquer forma alternativa ao ensino tradicional. Interpretamos, perante tais constatações, que **o receio diante da gramática por parte de uns e a hesitação metodológica no ensino gramatical por parte de outros levam a uma abordagem dos fenômenos linguísticos ainda carente de aprimoramentos na promoção de práticas de ensino de LP**, que acabam por focalizar tão somente os aspectos estruturais e apresentar, esporadicamente, alguns aspectos linguísticos.

Tendo em vista tais formulações sobre os dados obtidos, verificamos a consistência e a relevância do apontamento realizado por Bezerra e Reinaldo (2013) ao identificar, na formação contemporânea do professor de LP, uma certa desarticulação entre os estudos linguísticos, os fatos da língua e a gramática tradicional, evidenciada na análise dos materiais fornecidos e no discurso construído a partir das respostas dos participantes ao questionário de pesquisa. Faz-se, portanto, pertinente a interpretação de que os dados indicam que poderia haver uma maior articulação entre tais pontos do ensino de LP, o que implicaria uma demanda por **uma formação teórico-metodológica consciente e consistente, que pautada, explicitamente, as práticas e métodos da perspectiva de ensino da Análise Linguística**, a fim de que se realize nas atividades envolvendo os diversos eixos de ensino de LP a investigação e reflexão dos fenômenos linguísticos e lexicogramaticais constituintes dos textos presentes em sala de aula.

A inserção de práticas de AL no interior das atividades do professor de LP tem o objetivo de potencializar e promover atividades significativas de uso e reflexão da linguagem, a fim de desenvolver apropriadamente as capacidades discursivas dos educandos. Daí a necessidade de que este componente teórico-metodológico integre e, até mesmo, revitalize a formação contemporânea do professor de LP.

### **Considerações finais**

O presente trabalho objetivou discutir as práticas de ensino gramatical no contexto de formação de professores proporcionado pelo programa Residência Pedagógica, considerando as perspectivas da Análise Linguística (AL).

A pesquisa relatada, de natureza qualitativa interpretativista, partiu de inquietações várias quanto à possibilidade e necessidade de transformação da disciplina de Língua Portuguesa na escola básica. Com o objetivo de contribuir com essa transformação e de também operacionalizá-la a partir da produção e da divulgação de conhecimentos na área, buscamos, durante todo o processo de pesquisa, oferecer reflexões para a concepção de uma formação docente, a partir de um contundente estudo em torno do eixo de ensino da análise linguística. Contundente, pois é ele um dos eixos que, sem dúvida, mais demanda mudanças e transformações por parte de professores de língua portuguesa.

Pautou-se, portanto, a seguinte questão de investigação: como são realizadas as práticas de ensino gramatical no contexto da Residência Pedagógica? A resposta a essa questão é de difícil sintetização, porém aqui se realiza um intento, a partir da seguinte descrição:

\* O ensino gramatical é ausente em cerca de 38,5% dos materiais analisados.

\* Dentre as práticas de ensino gramatical encontradas, destaca-se a promoção de atividades epilinguísticas sobre as produções textuais dos alunos, apontada em 30,8% dos materiais.

\* O caráter investigativo e reflexivo conforme proposto pelo conceito de AL é, na maioria dos materiais analisados, preterido, cedendo vez a uma abordagem de caracterização da linguagem vinculada a determinado gênero, justaposta a uma abordagem estrutural desse.

Tendo em vista tais constatações, reafirmamos a pertinência de que o professor de LP se aproprie teórica e metodologicamente da AL para proporcionar a investigação linguística dos textos e de sua constituição nos níveis sequencial-composicional, enunciativo, semântico, argumentativo (BEZERRA; REINALDO, 2013) e estilístico (POLATO; MENEGASSI, 2019). Isto é, a AL possibilita ao professor trabalhar o texto em sua plenitude, dando significado e pertinência à sua presença nas aulas de LP.

Esperamos ter contribuído com nossa pesquisa para a reflexão sobre o ensino de linguagem e formação docente do professor de LP, em especial no âmbito do ensino gramatical. Esperamos também ter demonstrado a consistência e relevância da perspectiva de ensino que subjaz o conceito de AL e seus desdobramentos vários. Para o futuro, desejamos que cada vez mais a formação docente de professores de LP se revigore, no Brasil, e seja fomentada por parte de políticas públicas como a que proporcionou o programa Residência Pedagógica.

## Referências

ANTUNES, I. **Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.



BASTOS, D. M.; LIMA, H. K. C.; SANTOS, S. B. C. Ensino de classes de palavras: entre a estrutura, o discurso e o texto. In: SILVA, A.; PESSOA, A. C.; LIMA, A. (Orgs.). **Ensino de Gramática: reflexões sobre a língua portuguesa na escola**. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Coleção Língua Portuguesa na Escola, 2)

BEZERRA, M. A. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: DIONÍSIO, A.P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros Textuais e Ensino**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BEZERRA, M. A.; REINALDO, M. A. **Análise Linguística: afinal, a que se refere?**, São Paulo: Cortez, 2013.

BOTELHO, L. S. Ensino de Língua Portuguesa em uma perspectiva discursiva. In: GARCIA-REIS; BOTELHO; MAGALHÃES. **Leitura e escrita de textos instrucionais**. Recife: Pipa Comunicação, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: **Língua Portuguesa**. Brasília: MECSEF, 1998.

CELANI, M. A. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 8, n. 1, p. 101-122, 2005.

GERALDI, J. W. (Org.) **O texto na sala de aula**. Campinas: Assoeste/Unicamp, 1984.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LUFT, C. P. **Língua e Liberdade: por uma nova concepção de língua materna e ensino**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

MENDONÇA, M. Análise linguística no Ensino Médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. **Português no Ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 199-226.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. O estatuto dialógico da análise linguística: caracterização teórico-pedagógica. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, 41(2), e44773, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v41i2.44773>

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.